

Referências Bibliográficas

ALTMANN, H. Processos de inclusão e exclusão no Ensino Superior. In: DAUSTER, T. (Org). **A invenção do leitor acadêmico** – universitários, leitura e diferenças culturais. Rio de Janeiro: 2002.

ALVAREZ, S.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos** – novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ALMEIDA, M. A. O. **Políticas de ação afirmativa e ensino superior**: a experiência do curso de graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BOK, D; BOWEN, W. **O curso do rio**: um estudo sobre a ação afirmativa no acesso à universidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CAMUANA, A. A. et al. Direitos Humanos: bandeira cotidiana de luta dos movimentos sociais pela afirmação dos direitos e da diversidade. **Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS**, ano 3, n. 5, jan/jun. 2002.

CANDAU, V. Universidade e diversidade cultural: alguns desafios a partir da experiência da PUC - Rio. In: Paiva, A. (Org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

CANDAU, V, M. **Universidade, diversidade cultural e formação de professores**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 2003.

_____. (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Multiculturalismo e direitos humanos**. Rio de Janeiro: PUC/Novamerica, 2001.

_____. **Educação intercultural e cotidiano escolar**: construindo caminhos. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq, 2000. Vol. 2.

CARVALHO, F. V. Cotas para os excluídos. **Revista Pátio**, ano VI, nº 22. 2002.

CARVALHO, J. M. de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COTINS, M. Estratégia de combate à discriminação racial no contexto da educação universitária no Rio de Janeiro. In: PAIVA, A. (Org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2004.

DAUSTER, T. Uma pesquisa e seu percurso. In: _____. **A invenção do leitor acadêmico** – universitários, leitura e diferenças culturais. Rio de Janeiro: 2002.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FISHER, R. M. B. Apresentação. In: Pinto, C. R. **Teorias da democracia** – diferenças e identidades na contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLEISCHACKER, S. **Uma breve história da justiça distributiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento. In SOUZA, J. (Org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: UNB, 2001.

_____. **A justiça social na globalização**. Disponível em: <http://www.eurozine.com>. Acesso em: 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, J. B. B. A recepção do instituto da ação afirmativa no Direito Constitucional Brasileiro. **Revista de Informação Legislativa**, ano 38, n. 151. 2001.

GOMES, N. L; MARTINS, A. A.(Org.). **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GRIN, M. **O desafio multiculturalista no Brasil: a economia política das percepções raciais**, 2001. Tese de doutorado (Doutorado em Sociologia) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, IUPERJ.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HENRIQUES, R. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. **Texto para discussão n° 807**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

HENRIQUES, R; BARROS, R; MENDONÇA, R. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. **Texto para discussão n° 800**. Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

HERINGER, R. (Org.). Desigualdades raciais e ação afirmativa no Brasil: reflexões a partir da experiência dos EUA. In: _____. **A cor da desigualdade – desigualdades raciais no mercado de trabalho e ação afirmativa no Brasil**. Instituto de Estudos Raciais e Étnicos e Núcleo da Cor/Laboratório de Pesquisa Social/IFCS-UFRJ, 1999.

_____. Mapeamento de ações e discursos de combate às desigualdades raciais no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 23, n° 2. 2001.

_____. Ação afirmativa e promoção da igualdade racial no Brasil: o desafio da prática. In: PAIVA, A. (Org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2004.

JUNIOR, J. F. Aspectos normativos e legais das políticas de ação afirmativa. In: JUNIOR, J. F; ZONINSEIN, J. (Orgs.). **Ação afirmativa e universidade** – experiências nacionais comparadas. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2006.

LOPES, A. A experiência de ação afirmativa no Brasil: questões sobre a implementação, institucionalização e manutenção. In: SANTOS, I. dos; ROCHA, J. G. da. **Diversidade & ações afirmativas**. CEAP, 2007.

MACHADO, E. Reflexão sobre educação e desigualdades sociais: a visão dos estudantes da UERJ. In: PAIVA, A. (Org.). **Ação afirmativa na universidade**: reflexão sobre experiências concretas. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2004.

_____. Acompanhamento e monitoramento das políticas de ação afirmativa nas universidades brasileiras. **Revista desigualdade e diversidade** - Revista de Ciências Sociais da PUC-RIO, n° 1. 2007.

MARTINS, J. de S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MEDEIROS, C. A. Justiça e ação afirmativa. In BORGES, E; MEDEIROS, C. A; D'ADESKY, J. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

MEDEIROS, Carlos A. **Na lei e na raça** – legislação e relações raciais, Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MESZÁRÓS, I. Marxismo e Direitos Humanos. In: **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**: ensaios de negação e afirmação. São Paulo: Ensaio, 1993.

MILMAN, C. **O aluno bolsista da PUC-Rio**: sua visão sobre o programa de bolsas. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de mestrado (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento** – pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: historia e debates no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, n° 117, 2002.

_____. **Propostas de ações afirmativas no Brasil**: o acesso da população negra ao Ensino Superior. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, 2000.

MUGANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Revista Sociedade e Cultura**, vol.4, n° 2. 2001.

NASCIMENTO, A. do. **Movimento PVNC – Pré-Vestibular para Negros e Carentes:** Histórico. Disponível em: <http://alex.nasc.sites.uol.com.br/PVNC/historicopvnc.htm>. Acesso em: 24 de junho de 2005.

_____. **Universidade e cidadania** – O movimento dos cursos pré-vestibulares populares, 2005. Disponível em: http://alex.nasc.sites.uol.com.br/textos/texto_lugarcomum17.htm. Acesso em: 11 de outubro de 2007.

_____. **Movimentos sociais, ações afirmativas e universalização dos direitos, 2005.** Disponível em: http://alex.nasc.sites.uol.com.br/textos/texto_lugarcomum19.htm. Acesso em: 11 de outubro de 2007.

NEVES, P. S. **Luta anti-racista:** entre reconhecimento e redistribuição. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.20, n° 59. 2005.

OLIVEN, A. C. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. **Educação**, ano XXX, n° 1. 2007.

PAIVA, A. R. Direitos, desigualdade e acesso à universidade. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, 30, 2006, Caxambu.

_____. **Católico, protestante, cidadão.** Belo Horizonte: Ed. FMG, 2003.

_____. (Org.). **Ação afirmativa na Universidade: reflexão sobre experiências concretas Brasil-Estados Unidos.** Rio de Janeiro: Editora PUC, 2004.

PAOLI, M. C; TELLES, V. da S. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: ALVAREZ, S. E; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos.** Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PINTO, C. R. J. A Democracia desafiada: presença dos direitos multiculturais. **Pós-modernidade e multiculturalismo**, n° 42. 1999.

_____. **Teorias da Democracia: diferenças e identidades na contemporaneidade.** Prefácio de Rosa Maria Bueno Fischer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Coleção Debates Contemporâneos em Psicologia Social.

ROCHA, J. G. da. **Teologia & negritude.** Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS, S. A.. Ação afirmativa e mérito individual. In: SANTOS, R. E; LOBATO, F. (Orgs). **Ações afirmativas – Políticas públicas contra as desigualdades raciais.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAMPAIO, A. A ação afirmativa na PUC-Rio In: PAIVA, A. R. (Org.). **Ação afirmativa na universidade:** reflexão sobre experiências concretas Brasil-Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2004.

SANT'ANNA, W; PAIXÃO, M. **Muito além da senzala: ação afirmativa no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibase.br/paginas/wania.htm>. Acesso em: 2002.

SANTOS, B. de S. (Org.). **Reconhecer para libertar** – os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, R. E. Racialidade e novas formas de ação social: o pré-vestibular para negros e carentes. In: SANTOS, R. E; LOBATO, F. (Orgs.). **Ações afirmativas** – políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, S. A. Ação afirmativa e mérito individual. In: SANTOS, R. E; LOBATO, F. (Orgs.). **Ações afirmativas** – políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, D. R. dos. Como a Igreja Católica tratou negros e negras nestes 507 anos?. **Revista Tempo e Presença Digital**, ano 2, nº 5. 2007. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=102&cod_boletim=6&tip o=. Acesso em: fevereiro de 2008.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

SILVA, J. P. da. Cidadania e Reconhecimento. In: AVRITZER, L; DOMINGUES, J. M. (Orgs.). **Teoria Social e modernidade no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

SOUZA, J. de. (Org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. 2001.

_____. (Org.). Prefácio. In: _____. **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. 2001.

SOUZA, M. de. O perfil do aluno com bolsa PUC: uma referência para uma ação propositiva do Serviço Social. Rio de Janeiro, 2004. Monografia (TFG em Serviço Social) – Curso de graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. In: **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000.

TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMEI, M. **Ação afirmativa para a igualdade social: características, impactos e desafios**. Tradução de Hélio Guimarães. Genebra: PQAS, 2005.

APÊNDICE A

Entrevista realizada com os elaboradores e implementadores da política de ação afirmativa da PUC-Rio.

Objetivo geral: conhecer e analisar a genealogia da política afirmativa implementada na PUC-Rio e seu processo de constituição.

Objetivos específicos:

- Levantar as percepções que sujeitos responsáveis pela implementação têm sobre a origem da política e seu processo de consolidação;
- Identificar os principais responsáveis pelo processo de constituição desta política: sujeitos particulares, instituições públicas, privadas e do terceiro setor, e os motivos que os levaram a participar desse processo;
- Identificar as etapas do processo de consolidação da política, seus avanços e retrocessos;
- Conhecer como esses sujeitos percebem, nos dias de hoje, a relação entre o programa e a Universidade, e com a sociedade de forma geral.

Roteiro da entrevista

Perguntas de abertura:

1. Há quanto tempo trabalha na PUC-Rio? Quais são suas principais atividades profissionais?
2. Já trabalhou ou trabalha em outra instituição? Em quais funções?

Pergunta de transição:

1. A PUC do Rio de Janeiro foi reconhecida como universidade pioneira no campo das políticas afirmativas, com um programa voltado para inclusão de alunos oriundos de diversos grupos sociais e culturais. O que você pensa sobre isto?

Quanto à origem da política afirmativa:

1. Quando o programa nasceu? E de que maneira ele surgiu?
2. O que fez com que esta proposta passasse a existir? Quais foram seus primeiros idealizadores? E as parcerias institucionais, houve alguma?
3. Quais foram as razões políticas, ideológicas, econômicas e/ou culturais que levaram esses sujeitos ou instituições a fazerem parte da elaboração de uma proposta de ação afirmativa no campo do Ensino Superior?
4. Quais foram os principais fatores que contribuíram e/ou dificultaram o processo de implementação?
5. Você fez parte dessa fase inicial? O que o levou a participar dessa proposta? De que maneira se deu sua participação?

Com relação à implementação:

1. Como você descreveria o processo de materialização deste programa? Seria possível dividi-lo em etapas ou momentos? Se sim, quais?
2. O que se fez necessário para a efetivação da proposta?
3. Quais os principais fatores que contribuíram e/ou dificultaram o processo de implementação?
4. No processo de consolidação, quais foram as principais conquistas? E as maiores dificuldades?
5. Durante a fase de implementação do programa, surgiam novos atores? E os atores participantes da fase inicial se mantiveram? Houve desistência?
6. (Se houve a inclusão de novos atores) Quais foram as razões políticas, ideológicas, econômicas e/ou culturais que levaram estes sujeitos ou instituições a fazerem parte do processo de implementação de uma proposta de ação afirmativa no campo do Ensino Superior?
7. Para você, quais foram os principais implementadores e elaboradores?
8. Você fez parte desta segunda etapa? O que o levou a participar? De que maneira se deu a sua participação?

Com relação ao momento atual:

1. O que significa para você, hoje, este programa de inclusão de alunos oriundos de grupos sociais e culturais diversos, na PUC?
2. Quais foram as maiores conquistas e retrocessos deste programa? E quais as principais dificuldades?
3. Quais foram as implicações desta política para a Universidade? E para fora dela?
4. Você gostaria de acrescentar algo que não tenha sido abordado na entrevista?

APÊNDICE B

Entrevista realizada com os alunos bolsistas de ação social da PUC-Rio.

Objetivo geral: identificar qual impacto o programa de ação afirmativa desenvolvido pela PUC-Rio exerce na vida dos alunos bolsistas.

Objetivos específicos:

- Identificar as formas de participação do aluno bolsista nos pré-vestibulares populares e de que maneira essa organizações da sociedade civil influenciou a vida do aluno;
- Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos jovens bolsistas e suas conquistas, com relação à dinâmica institucional, às questões familiares, comunitárias e profissionais;
- Levantar as representações que os alunos bolsistas têm com relação: à experiência acadêmica, ao convívio entre grupos diferenciados, à questão da diversidade cultural;
- Levantar as percepções que os alunos têm sobre a gênese deste programa;
- Identificar em que aspectos o programa afirmativo alterou seu modo de vida;
- Perceber de que maneira as relações familiares e comunitárias sofreram alterações.

Roteiro da entrevista

Perfil:

- Nome:
- Sexo:
- Cor: () branco () preto () pardo () amarelo
- Endereço:
- Estado civil:

- Casado () solteiro () divorciado ()
- Período de graduação (início e fim): De 19.... a
- Curso:
- Pós-graduação: não () sim () Qual:
- Situação profissional atual:

Os cursos pré-vestibulares e o vestibular:

1. De qual curso pré-vestibular você fez parte? Durante quanto tempo? Além de aluna(o), você desempenhou alguma outra função no cursinho? Qual?
2. Você acha que o cursinho pré-vestibular contribuiu para sua aprovação no vestibular? De que maneira? E no que ele menos te ajudou?
3. Você concorreu ao vestibular de quais faculdades? E para que cursos?
4. Para ser aprovada(o) na PUC, foi necessário fazer mais de um vestibular? Quantos? Sempre para o mesmo curso? (Se houve mudança na escolha do curso) O que te fez escolher outro curso?
5. Qual foi sua reação quando soube que tinha sido aprovada(o) no vestibular da PUC? E a reação de sua família e amigos?
6. Por que você escolheu a PUC?

A experiência acadêmica:

1. Como foi seu primeiro dia de aula na PUC?
2. A partir da sua inserção na Universidade, quais aspectos da sua rotina foram alterados e quais foram mantidos?
3. Com relação à vida de estudante, quais foram as atividades que você teve maior facilidade?
4. Ainda com relação aos hábitos da vida acadêmica, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou? De que maneira você lidou com as dificuldades? Foi possível superá-las ou não?
5. A partir da sua entrada na universidade, as suas relações familiares, comunitárias, escolares e religiosas sofreram alterações? Se sim, quais? E de que maneira você conseguiu lidar com estas novas questões?

6. Você fez parte de um programa de inclusão da PUC-RJ, em que alunos de pré-vestibulares populares passaram a ter acesso aos cursos de graduação desta Universidade. O que você pensa sobre este programa? Diga alguns pontos fortes e fracos.
7. O que você acha que outros grupos da Universidade pensam sobre este programa?
8. Como você acha que nasceu esse programa na PUC-RJ?
9. Você considera que este programa tenha proporcionado uma convivência mais diversificada na Universidade? Se sim, de que forma se dava esse convívio entre pessoas com histórias de vida diversa?
10. Foi fácil ou difícil fazer amigos na Universidade? Como foram se construindo suas relações no dia-a-dia universitário?
11. O que você mais gostava de fazer na PUC? E o que menos gostava?
12. Fale sobre a melhor e a pior lembrança que você teve na sua experiência universitária.
13. A experiência universitária alterou aspectos relacionados a sua maneira de pensar e agir? Se sim, quais?

Período atual:

1. Você acha que este programa de ação afirmativa influenciou a sua vida? Quais aspectos ficaram inalterados? E os que mudaram?
2. Qual foi o maior impacto que este programa exerceu na sua vida? E na vida de sua família, de seu bairro, comunidade? De que forma?
3. Você é, hoje, uma pessoa diferente do que você era quando ingressou na Universidade?
4. Hoje, que iniciativas você daria para melhorar o programa?
5. Você gostaria de acrescentar algo que não tenha sido abordado na entrevista?

APÊNDICE C

Esta é a relação do número de alunos bolsistas de ação social da PUC-RIO que foram identificados.

O quantitativo de alunos bolsistas de ação social da PUC-Rio é maior do que o ilustrado abaixo (ver Tabela 1). Constam desta listagem somente estudantes que possuíam dados completos e atualizados (ano de ingresso, ano de conclusão de curso, endereço e situação como bolsista). Não foi possível localizar um determinado grupo de alunos bolsistas, porque os dados eram incompletos, havia a inexistência de dados ou mudaram de residência. Sendo assim, considere, como universo da pesquisa, os ex-alunos que dispunham de todos os dados.

Os números da tabela foram construídos com base em dois levantamentos: a listagem elaborada pelos ex-alunos bolsistas de ação social da Universidade, confeccionado para a festa de comemoração dos dez anos do programa e a listagem da Vice-Reitoria Comunitária. Os dados foram cruzados e, a partir daí, identifiquei os alunos que possuíam informações completas. Com relação aqueles que dispunham de informações incompletas, busquei informação através do *site* da Universidade¹ e através de contato com ex-alunos. Esta tarefa foi bastante complexa por algumas razões: a) muitos alunos se mudaram e não atualizaram seus endereços e b) na listagem nominal da Vice-Reitoria Comunitária, com relação ao período estudado, constam todos os alunos bolsistas da Universidade, não havendo uma separação por tipo de bolsa. Esses dois pontos dificultaram a identificação do aluno bolsista de ação social e a apresentação do quantitativo total. Entretanto, é importante ressaltar que os números abaixo são bem próximos dos dados finais.

¹ Cf. <http://www.puc-rio.br>

Departamento	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Total	Entrevistas
Serviço Social	2	1	16	15	14	14	18	16	4	100	10
Direito	1	1	2	4	4	1	1	1	X	15	2
Administração	X	X	X	X	X	1	3	X	X	4	0
Informática	X	X	X	2	2	1	X	X	1	6	1
Geografia	X	X	X	3	1	3	2	X	X	9	1
Ciências Sociais	X	X	2	1	2	4	1	2	X	12	1
História	X	1	X	2	3	4	2	2	X	14	1
Letras	X	2	X	3	3	1	2	X	X	11	1
Pedagogia	X	X	2	3	3	3	2	4	X	17	2
Engenharia	X	X	X	X	X	X	1	X	X	1	0
Comunicação Social	X	X	X	1	3	X	X	X	X	4	0
Desenho Industrial	X	X	X	X	X	X	1	X	X	1	0
Psicologia	X	X	X	X	X	1	X	3	X	4	0
ub-Total	3	5	22	34	35	33	33	28	5	198	19

abela 1. Relação de alunos bolsistas de ação social entrevistados.

APÊNDICE D

CCS – Centro de Ciências Sociais

Serviço Social: Total: 10

Período I: 3 entrevistas

Período II: 7 entrevistas

Direito: Total: 2

Período I: 1 entrevista

Período II: 1 entrevista

Geografia: Total: 1

Período II (maior número de alunos): 1 entrevista

Ciências Sociais: Total: 1

Período II (maior número de alunos): 1 entrevista

História: Total: 1

Período II (maior número de alunos): 1 entrevista

CTC – Centro Tecnológico Científico

Informática: Total: 1

Período II (maior número de alunos): 1 entrevista

CTCH – Centro de Teologia e Ciências Humanas

Letras: Total: 1

Período II (maior número de alunos): 1 entrevista

Pedagogia: Total: 2

Período I: 1 entrevista

Período II: 1 entrevista

APÊNDICE E

Entrevista realizada com um/a ex-aluno/a bolsista de ação social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PERFIL

- Sexo: Feminino
- Cor: branco () preto () pardo () amarelo () Negro (X)
- Endereço: Eu agora moro em Bangu
- Estado civil: Casado (X) solteiro () divorciado ()
- Período de graduação (início e fim): De 1997.2 a 2000.
- Curso: Pedagogia
- Pós-graduação: não () sim (X) Qual : Terminando o mestrado em Educação.
- Situação profissional atual: Estou trabalhando num projeto. Sou coordenadora pedagógica de um curso de capacitação para os conselhos tutelares, com duração de um ano.

Os cursos pré-vestibulares e o vestibular:

1. De qual curso pré-vestibular você fez parte? Durante quanto tempo? Além de aluna (o) você desempenhou alguma outra função no cursinho? Qual?
Sou oriunda do pré-vestibular de Imbariê. Fiquei no pré-vestibular de Imbariê durante seis meses. Só estudando.

- Desempenhou alguma outra função no cursinho?

Não, porque eu não tinha tempo, eu tinha uma filha de dois anos.

2. Você acha que o cursinho pré-vestibular contribuiu para sua aprovação no vestibular? De que maneira? E no que ele menos te ajudou?
Com certeza, os estudos é que me possibilitaram entrar para a universidade. Porque eu tenho 44 anos, na época eu estava com trinta e poucos, né? Então, o pré-vestibular me fez voltar a estudar matemática, português, isso foi importante para a minha aprovação.

- E no que ele menos te ajudou?

Olha, eu não saberia avaliar o que menos o pré-vestibular me ajudou. Porque além de ter sido uma oportunidade de adquirir conhecimento das matérias específicas para passar no vestibular, ele me fez reviver uma militância que eu já tinha vivido com a Juventude Operaria Católica. Então, o pré-vestibular me fez reviver isso. Porque não há como você estar no pré-vestibular, mesmo você não assumindo uma coordenação, sem que você esteja sempre trabalhando, ora arrumando, ora ajudando, vendo professor, você está sempre fazendo isso! Então, o pré-vestibular, ele tem muito essa proposta de trabalho coletivo. Isso é importante entendeu? Eu não sei como é que ele se estrutura hoje. Mas naquele tempo em que estava todo mundo engatinhando, era todo mundo que fazia um pouco de tudo. Você assistia aula, mas ao mesmo tempo, arrumava a sala de aula, era assim. Eu não saberia dizer no que ele menos me ajudou não.

3. Você concorreu ao vestibular de quais faculdades? E para que cursos?

Eu concorri só pra PUC. Eu já vinha da Estácio, não consegui bolsa lá. Na Estácio, eu fazia direito, aí tentei uma transferência, o currículo não batia, então fiz o pré-vestibular. Na época eu queria fazer direito, aí eu falei: “Poxa, sempre nessa militância na área da educação, vou tentar pedagogia”. Aí, passei!

- Você então fez o vestibular para pedagogia?

É.

4. Para ser aprovada (o) na PUC, foi necessário fazer mais de um vestibular? Quantos? Sempre para o mesmo curso? (Se houve modificação na escolha do curso) O que te fez escolher outro curso?

Não, passei no primeiro.

- Para o mesmo curso?

Para o mesmo curso.

5. Qual foi sua reação quando soube que tinha sido aprovada (o) no vestibular da PUC? E a reação de sua família e amigos?

Primeiro, eu fiquei muito surpresa, porque eu estava há muitos anos sem estudar e passei em 13º lugar. Quanto à reação da minha família, eles achavam que eu era doida, porque eu morava em Imbariê e ia estudar na Gávea e ainda tinha uma filha de dois anos. Todo mundo me achou doida e pior ainda, porque eu ia fazer pedagogia e iria ficar

desempregada. Então, num primeiro momento, eu não tive muito apoio da família, eles achavam que eu tinha que continuar no direito, porque dava mais futuro. Eu fui enfrentando. Hoje eles ainda não concordam muito, mas tem que aceitar. Não dá pra fazer mais nada.

6. Porque você escolheu a PUC?

Não, eu não escolhi a PUC, porque na época, no pré-vestibular, era onde a gente conseguia bolsa. Ou você fazia para as universidades públicas e se você passasse na PUC, você conseguiria bolsa. Então, o meu objetivo maior foi esse, apesar de ser muito longe pra mim, são quase três horas de viagem ida e volta. Eu passava quase seis horas dentro de um ônibus, mas eu queria concluir um curso superior e a PUC era um vislumbre mais objetivo.

A experiência acadêmica:

1. Como foi seu primeiro dia de aula na PUC?

Lembro. Foi um dia marcante, porque era uma turma, e nós, eu e a Joana éramos as duas únicas negras e isso me marcou, porque era uma turma muito grande, quando entramos, nós éramos as “ETs”. Eu acredito até que a Joana era um pouco mais, porque era negra de cabelo louro. E aí, as pessoas ficavam olhando pra gente. E a gente sentada lá, quer dizer, eu sentei num canto e a Joana no outro, só depois é que nós percebemos que tínhamos alguma coisa em comum além da cor é que nós tínhamos vindo de pré-vestibulares. Depois no intervalo, a gente conversando no corredor foi um momento marcante, porque o curso de pedagogia em 97 era chamado nos corredores da PUC de, esquentar marido. Então, você tinha filhas de empresários, donas de escola, meninas que tinham até segurança no corredor, porque eram muito ricas. E nós duas lá, então, foi um impacto pra mim. Assim, as professoras não sabiam lidar com isso, porque majoritariamente, as pessoas do pré-vestibular, elas escolhiam Serviço Social. Todo mundo ia pra Serviço Social. Isso mudou né? Mas no início era assim, então, foi um impacto. Eu não esqueço esse dia jamais, foi uma luta.

2. A partir da sua inserção na Universidade, quais aspectos da sua rotina foram alterados e quais foram mantidos?

Foi alterado, só o fato de eu estar todo dia na Gávea, né? Estar num lugar assim que não fazia parte da minha realidade. Eu vivia em Imburiê, então isso foi totalmente alterado, porque eu tinha que ficar na PUC o dia todo, você tinha aula de 8h às 12h e depois às 14h00min h e aí ficava na PUC até as 16:00 h. Eu e a Joana dividíamos as coisas, mas eu me lembro que pelo menos nos primeiros períodos, eu sobrevivia com aquela - eu tinha até vontade de colocar isso na minha dissertação de mestrado, aquela pipoca rosinha, maravilhosa! Porque a gente nessa época, não tinha ainda a Pastoral, não tinha ainda esse movimento. Então, isso foi alterado. Essa minha rotina foi totalmente alterada. Ter que ficar o dia todo dentro da universidade foi alterado. Eu tive que estudar muito mais, porque eu virava a noite estudando, porque era texto, texto e mais textos. Então, eu às vezes ia no ônibus e pensando: “Poxa eu ainda estou dentro do ônibus e a colega já chegou, já tomou banho e deve estar vendo televisão e, eu ainda estou dentro do ônibus”. Então, essa rotina muda sua vida e aí, não tinha mais tempo para a minha filha, né? Ela ia pra PUC comigo, ficava quietinha na sala. As meninas não entendiam isso, “vem estudar e ainda traz filho”. Ficava quietinha na sala desenhando e era assim. Para completar, no meio do curso, ainda fiquei grávida e, aí pronto, foi uma tristeza. Mas a minha rotina, a minha entrada na PUC, mudou a minha vida 360° graus.

- Alguma coisa ficou sem mudar: se manteve como era antes?

Não nada, nada! Nada.

3. Com relação à vida de estudante, quais foram as atividades que você teve maior facilidade?

Eu sempre tive muita facilidade de comunicação, eu acho que a militância mesmo no pré-vestibular, porque eu vim da militância da JOC, me ajudou nisso. Você se expressa bem, você fala, você questiona nas aulas. Quando chega aos trabalhos é uma tristeza. Mas eu tinha facilidade nisso, porque fazia esse tipo de coisa na JOC. A gente escrevia muito texto. Então, eu sempre tive facilidade, quer dizer, não é muita facilidade, mas não era uma coisa tão difícil, diferente da Joana, que tinha muita dificuldade. Algumas colegas foram reprovadas em várias matérias por causa disso. Eu acho que a grande dificuldade é você lidar com uma nova realidade de escrita e de fala.

4. Ainda com relação aos hábitos da vida acadêmica, quais foram as maiores dificuldades que você encontrou? De que maneira você lidou com as dificuldades? Foi possível superá-las ou não?

Uma das maiores dificuldades era essa produção dos textos. A professora dava um texto e queria a leitura para o dia seguinte. Como é que você ia tirar cópia? Essa era uma grande dificuldade.

-Como você conseguiu lidar com isso?

Às vezes, as minhas colegas liam e eu pedia emprestado e ficava lendo no intervalo de uma aula para outra. Eu montei uma estratégia que era o seguinte: Grifava e lá na hora, eu fazia a pergunta para a professora para ela deduzir que eu tinha lido o texto, às vezes, eu não tinha lido, mas sobrevivi muito bem assim na PUC. No começo foi muito difícil, porque eram 4 aulas, eram 4 textos, como é que você vai tirar cópia? Não tinha como, tinha mal o dinheiro da passagem. Então, essa foi uma das grandes dificuldades, ora quando não pediam livros. Achavam que você tinha que descer e comprar ali na Carga Nobre, então, na realidade, essa foi uma dificuldade muito grande. Sobreviver na PUC é muito difícil.

- Como é que você conseguiu superar essas dificuldades?

A gente fazia assim: A Joana tirava cópia de um texto e eu tirava de outro e a gente trocava. Era assim que gente fazia. Por exemplo, eu nunca tirava os quatro textos, eu tirava dois e ela tirava dois e aí, a gente trocava. Essas eram as estratégias iniciais. Nós temos que criar estratégias, porque eu lembro que depois, a Pastoral começou a dar os tíquetes, mas nem todo mundo ganhava tíquete. A gente pegava um prato, botava muita comida, depois pegava outro prato, a pessoa entrava escondida, sentava e dividíamos a comida. Na realidade, você vai montando estratégias para sobreviver ali.

-Você acha que teve apoio institucional?

O apoio institucional veio a partir de 99, eu acho que foi porque a coisa estava muito gritante. As pessoas do pré-vestibular não queriam mais fazer Serviço Social e Pedagogia, elas começaram a querer fazer Direito, Economia, Administração e aí, foi inchando o número de alunos na PUC e, as estratégias já não davam mais conta. Eu acho que a Pastoral, quer dizer a PUC, reconheceu isso, a Vice-reitoria Comunitária, o professor Augusto, que é um grande parceiro.

5. A partir da sua entrada na Universidade, as suas relações familiares, comunitárias, escolares, religiosas sofreram alterações? Se sim, quais? E de que maneira você conseguiu lidar com estas novas questões?

É porque eu não tinha tempo pra mais nada. Só ficava estudando, porque tinha de dar conta do texto, dos trabalhos. Participar da igreja, eu passei a não ir mais, porque não dava tempo. Sábado e domingo, você tinha que arrumar a casa. Quando eu lembro que quando a gente contava na sala de aula: “Ah! Por que você não leu o texto? Ah, não li o texto, porque tinha que lavar roupa.” As meninas ficavam chocadas. Eu nunca tinha vergonha de falar essas coisas não. Eu era muito empoderada. Isso o pré-vestibular ajudou a gente. Nunca tive vergonha. “Lavar roupa? Como que você lava? Não tem máquina? Não. Não tenho máquina não minha filha, eu tenho que ficar lá no tanque lavando roupa, então, eu não tive tempo de ler o texto da professora, e aí?”. Era um impacto, né? E a idéia era impactar mesmo, porque chega num momento em que você acha que consegue lidar com aquilo, mas tem uma hora que você não consegue. Então você começa a criar o impacto, porque senão, você não sobrevive ali na PUC.

6. Você fez parte de um programa de inclusão da PUC - RIO, em que alunos de pré-vestibulares populares passaram a ter acesso aos cursos de graduação desta Universidade. O que você pensa sobre este programa? Diga alguns pontos fortes e fracos.

Eu acho importante esse projeto. Eu acho que em um determinado momento histórico, o pré-vestibular, ele foi o movimento que conseguiu dar visibilidade a algo que estavam tentando esconder a muito tempo, que é: os afrodescendentes não tinham acesso ao ensino superior. Então, o pré-vestibular deu essa visibilidade, que foi um projeto que começou a nível religioso com o Frei David, eu acho que isso deu um boom e, o fato da PUC, especificamente, ter assumido isso muito antes da discussão. Eu acho que hoje quando você vê o tema das políticas afirmativas, a pauta já está aí. Não dá mais para botar pra debaixo do tapete, então, eu acho que ela ainda é necessária. Mas não basta entrar na universidade é preciso permanecer na universidade. E o número de alunos que não permanecem, porque não conseguem criar essas tais dessas alternativas que eu te falei, é muito grande, na PUC, nós tivemos histórias de colegas que desmaiavam de fome. É, tem muita gente que desistiu. Então, isso é triste. Eu acho que esses projetos de inclusão, eles são um direito. Um direito que essa população tem é o ensino superior.

- O problema da fome aconteceu durante muitos anos?

Muitos anos. Não foi uma coisa de um período não, foi muito tempo e muita gente com fome.

- Tem algum ponto fraco que você gostaria de falar?

Eu acho que talvez o ponto fraco fosse não ter articulado com outras lutas, entendeu? Eu acho que isso é um ponto fraco. Hoje você vê um movimento de inclusão dos afrodescendentes assumido por vários outros grupos, mas que não estão articulados com o movimento negro, por exemplo. O movimento negro, ele não discute essa questão profundamente, mas você tem outros grupos que não fazem parte desse movimento, que estão articulando, né? Isso é um fato, então não dá como negar isso, então, isso é um ponto fraco. A nível específico da experiência da PUC, talvez um ponto fraco, negativo, seja o fato de que depois da gente criar as estratégias pra sobreviver lá dentro é que veio a Pastoral e as coisas passaram a ser dadas. Tudo foi muito dado. Então o tíquete do almoço foi dado, então as pessoas entravam na PUC, já sabendo que iam receber tíquete e vale-transporte. Ah, vai receber tíquete e vale transporte, sabe? Isso necessita de uma reflexão forte entendeu? Então, eu acho que talvez o ponto negativo seja isso: uma reflexão maior sobre os benefícios que esse projeto de inclusão traz e que não é um benefício assistencialista. É um benefício para que você consiga o seu objetivo maior, que é o quê? Terminar um curso superior.

7. E o que você acha que outros grupos da Universidade pensam sobre este programa?

Olha pra você ter uma idéia em 2000, um ano antes de eu sair da PUC, nós tivemos um caso, no departamento de educação, de discriminação. Isso foi denunciado no departamento. Então, pela primeira vez, o departamento de educação que fez 40 anos, discutiu a questão racial. Então, pra você ter uma idéia do impacto que foi os negros estarem circulando, negro sentando naquele Pilotis, que era um absurdo, né? Negros estarem dentro de uma sala de aula com a sobrinha do Edu..., entendeu? Na realidade, eu acho que até hoje isso não é visto, com muito bons olhos, por essa outra clientela da PUC. A PUC tem uma história de excelência. Criou-se um mito dentro da PUC, que os afrodescendentes iam diminuir essa excelência da PUC-RIO, mas se a própria professora Vera Candau fez uma pesquisa com todos os bolsistas de ação social e os bolsistas de ação social tinham o CR maior que os não bolsistas. Quer dizer, uma pesquisa que foi feita na época do pré-vestibular, acho que foi a segunda pesquisa da professora Vera. Então, ela mesma tomou um susto, porque esse mito está introjetado,

igual ao da democracia racial. Os afrodescendentes não sabem escrever não. Viemos da escola pública, que não tem professor de química, nem física. Então, por isso que eu acho que hoje não basta mais ingressar. Você tem que criar dentro da universidade, um sistema de permanência daquele aluno, se é uma política de inclusão, tem que ser também de permanência, de integração também. Porque também não basta permanecer sem integrar. Então, os professores têm que estar sensibilizados, que hoje você tem outro alunado dentro da PUC. É um fato. Não dá para tampar os olhos. Nós estamos ali e ponto. Entendeu? Esse foi sempre o meu discurso. Não dá para eu me pintar de branca, não dá para eu me pintar de classe média da Zona Sul. Eu estou ali e o professor tem que aprender a lidar comigo, entendeu? Aquele jornal horrível que saiu que eu não me lembro mais o nome desse jornal. Foi um jornal dos meninos do departamento de física.

- O Indivíduo.

É o Indivíduo.

No departamento de educação, a gente constatou que os alunos afrodescendentes só iam estagiar em escola pública enquanto as outras iam para escola particular. Você sabe que depois você tem toda uma possibilidade de permanência na escola para ser contratada quando se formar. A gente não, porque estava em escola pública, como é que vai ser contratada? Então, você começa a ver como o sistema é perverso, né? E aí começamos a dizer que a gente não queria mais fazer estágio em escola pública. Quero fazer em escola particular. Só que a gente não era encaminhada para as escolas particulares. Eu sei que nem todos pensam assim. A comunidade PUC, ela ainda está engatinhando, né? O projeto na PUC do pré-vestibular começou em 94, com dois alunos, né? Hoje nós estamos em 2007. É pouco tempo, nem é adolescente ainda. Adolescente é rebelde, então eu acho que esses alunos ainda precisam ser mais rebeldes ainda.

8. Como você acha que nasceu esse programa na PUC-Rio?

Já respondi.

9. Você considera que este programa tenha proporcionado uma convivência mais diversificada na Universidade? Se sim, de que forma se dava esse convívio entre pessoas com histórias de vida diversa?

É eu acho que ela proporcionou à força, à força. Colocou lá e tem que se relacionar. Lembro-me de mim e da Joana, quando era para fazer um trabalho de grupo, ninguém

queria ficar com a gente, éramos só nós duas. Em alguns momentos eu falava: “Professora é em grupo ou em dupla? Porque se é em dupla, eu já estou cansada de fazer trabalho com a Joana”. E aí, quando você ia pro grupo, tinha todo aquele clima ... que era preferível eu fazer com a Joana. Então, eu acho que ela proporcionou essa diversidade, essa inclusão, mas as relações são diferentes, né? As relações que são estabelecidas são aos poucos, mas você é colega para estar ali na PUC convivendo. Você não é colega para ser chamada pro meu aniversário, na minha casa. Então, os espaços, os limites são bem delimitados. Agora é claro, que a convivência existe. Tem que existir, não dá para não existir. E aí, talvez, alguns críticos digam: “Ah! É convivência forçada né? Não, mas tem que existir tem que existir sim essa experiência da PUC.

10. Foi fácil ou difícil fazer amizades na Universidade? Como foram se construindo suas relações no dia-a-dia universitário?

Já foi respondida anteriormente.

-Você sofreu algum tipo de preconceito na Universidade?

Eu sofri, mas a minha militância me ajudou. Então, eu não deixava. Existe aquele preconceito, que eu acho que é psicológico, e eu acho que nós carregamos desde que a gente nasce: somos todos “formados” a sermos sempre subservientes, então, a gente sempre deixa o outro passar. Eu acho que a gente precisa de uma terapia para superar isso, mas assim, em termos de discriminação, eu nunca deixei. Eu nunca deixei que professor me pisasse. Eu lembro de um exemplo que a professora disse pra mim: “aluno que não tem computador, isso em 98, aluno que não tem computador não pode estar na faculdade”. Eu falei: “eu não tenho e estou aqui”. Eu nunca deixei isso me abater. Eu acho que a minha militância me ajudou. O fato que detonou também a nossa reunião com o departamento, foi que uma professora do nada falou para uma aluna negra: “Patrícia, você está precisando de um emprego? Eu tenho uma colega que está precisando de uma empregada doméstica”. Sabe? Isso na sala para todo mundo ver. A Patrícia levou um impacto, né? Quer dizer, eu também não saberia o que responder, eu ficaria muda, eu ficaria muda. Porque você não vê como a coisa ainda está introjetada. Esse preconceito racial ainda está introjetado e é difícil de lidar. Até hoje você vê que algumas meninas, entram naquela porta do departamento e saem a torto e a direita, apesar da placa estar escrito: “não entra aluno”. A gente não consegue entrar, entendeu?

A gente não consegue. A gente tem que tocar a campainha, então, você ainda tem isso, que eu acho que nós também temos que aprender a nos posicionarmos. Não somos coitadinhos, somos alunos, com histórias de vidas diferentes, mas quando chegamos à sala de aula, somos todos alunos. Uns moram em Imbariê, outros na Lagoa, mas somos todos alunos, né?

11. O que você mais gostava de fazer na PUC? E o que menos gostava?

Eu gostava de estudar na PUC. A PUC tem um espaço de estudar, que eu acho que é maravilhoso! Aquela biblioteca, com aquele ar-condicionado, eu não saía de lá. Depois foi o RDC, que começaram a abrir para gente. Eu ficava no computador, ai que maravilha! Você não tinha computador em casa, usava o computador da PUC. Então, eu acho que a PUC, ela proporciona isso, eu acho isso bom!

-O que você menos gostava de fazer na PUC?

O que eu menos gostava era o espaço da sala de aula, que era tenso. Não é que eu não gostasse, mas é que ele era tenso. Você sabia que você tinha que enfrentar a cara daquelas meninas da Zona Sul, sabe? Quando você falava e não prestavam atenção. Não é o que menos gostava, né? Não era muito prazeroso esse enfrentamento.

12. Fale sobre a melhor e a pior lembrança que você teve na sua experiência Universitária.

A pior experiência foi no primeiro dia de aula. Durante o intervalo eu já fui perguntando o nome dela (Joana) e aí pronto colamos, porque não tinha abertura de ninguém. Nem de perguntar: qual é o seu nome: que é básico e que você aprende pequenininha, quando você vê uma coleguinha, né? Qual é o seu nome? Nada, não tive isso, então, pra gente foi uma experiência terrível. Agora uma experiência boa pra mim, foi no grupo de consciência negra. Outra experiência boa foi com a pesquisa da professora Vera Candau, quando ela pegou o CR de todos os alunos bolsistas de ação social e o meu era o maior. Aí, ela falou isso na sala pra todo mundo, até o nosso grupo de pesquisa não acreditava. Você vê como é o impacto do que está introjetado dentro da gente, o preconceito, a discriminação. Então pra mim isso foi. Outra coisa foi o dia em que eu passei no mestrado em primeiro lugar, numa seleção com mais de duzentas pessoas. Agora eu acho assim, o que fica é isso: passar em primeiro lugar, melhor CR da turma.

Mas e os bastidores para fazer isso? As madrugadas estudando, domingo estudando, ter sempre que se antecipar nos estudos, eu já chegava com o texto na frente que é pra...entendeu.

13. A experiência universitária alterou aspectos relacionados ao seu modo de pensar e agir? Se sim quais?

Sim. Porque na realidade você começa a ter um conhecimento sistematizado. O departamento de educação da PUC tem bons professores. Eu digo que aprendi muito ali, naquele departamento, ensinei também muito, tenho consciência disso. Você aprende o conhecimento sistematizado de coisas que você só intuía. Agora você diz: “não. Hoje eu tenho um capital cultural”. Você aprendeu nos textos, nas leituras, nas discussões. Você vai incorporando na sua vida e na sua fala conceitos que você não tinha. Então eu acho que isso é a produção do conhecimento. Eu acho que isso é que foi importante nessa estória, nessa longa estória na PUC. Eu ficava até as 18h00min horas fazendo disciplina porque eu rodei todos os departamentos da PUC. Eu fui de artes ao direito, entendeu? Porque como você pode fazer isso, essas eletivas, até na educação física eu fui, porque ela oferece tudo isso. “é grátis!”. Eu aproveitei muito. Isso me ajudou muito nessa minha formação acadêmica.

Período atual

1. Você acha que este programa de ação afirmativa influenciou a sua vida? Quais aspectos ficaram inalterados? E os que mudaram?

Influenciou. Porque hoje, se eu digo “estou concluindo o curso de mestrado”, ele vem a partir de uma estória anterior que é o ingresso na universidade. As políticas de ação afirmativa possibilitaram a minha entrada no contexto universitário. Agora, eu acho que poderia ter sido mais fácil. Eu acho que hoje está mais fácil, o aluno que ingressa através das políticas de ação afirmativa é um aluno com outro contexto, fruto de uma estória, de uma luta do frei Davi, das pessoas que ficaram horas naquela igreja São João de Meriti reunidas. Então isso é uma produção histórica. “Mas eu sempre considero isso “poderia ter sido mais fácil”, mas dizem assim: “na nossa vida tudo tem que ser com muita luta”, eu acho que não. Poderia ser com luta sim, mas com um pouquinho menos.

2. Qual foi o maior impacto que este programa exerceu na sua vida? E na vida de sua família, de seu bairro, comunidade...? De que forma?

Para minha família era importante eu estar estudando na PUC – Rio. Um sonho que nunca passou na minha cabeça, estudar na PUC-Rio. Eu lembro que eu fiz várias reuniões do PT lá na PUC e ficava maravilhada com aquele verde, aqueles alunos, aquelas meninas todas bonitas. A PUC é bonita, os alunos são bonitos. Eu ficava: “nossa mãe!” aquilo é como ir á Europa três vezes ao ano, esse sonho não existia. Na realidade quando eu passei no vestibular da PUC, nem eu acreditei porque eu fiz, mas fiz pensando que não ia passar. E hoje o impacto é: sou formada pela PUC- Rio, é um impacto, eu não sou formada na faculdade “outra”, sou da PUC- Rio.

3. Você é hoje uma pessoa diferente do que você era quando ingressou na Universidade?

Sim. Acho que a universidade, além desse conhecimento sistematizado para nós afro-descendentes ela te ensina uma outra forma de viver, por exemplo: hoje eu consigo articular melhor as coisas, eu não sou tão militante como eu era, eu consigo engolir mais sapos. Eu acho que isso é importante pra você sobreviver dentro dessa sociedade. Você não fica condicionado a um gueto mais, eu consegui circular nesse espaço da PUC - Rio. Eu acho que essa vivência universitária me ajudou.

4. Hoje, que iniciativas você daria para melhorar o programa?

Eu acho que a iniciativa, que eu acredito que já está em curso, que é da permanência. A iniciativa de permanência é muito importante e também de sensibilização de como é importante essa vida acadêmica e que a gente precisa se dedicar a ela. É importante você fazer um bom curso, não é você fazer o ensino superior por fazer, sabe. Mas é você aproveitar o que a universidade te oferece isto é importante. Eu acho que os alunos deveriam ser sensibilizados para isso, dessa importância, não só os afro-descendentes não, mas os alunos em geral. A importância da vida acadêmica e quem opta por ela, porque você sai um profissional melhor. Isso é importante.

5. Você gostaria de acrescentar algo que não tenha sido abordado na entrevista?

Não. Eu só acho que, toda essa discussão ela sempre perpassa o campo do discente nunca o docente. Os docentes precisam incorporar também essa política de inclusão, eles precisam ser sensibilizados para que você possa ter um desenvolvimento acadêmico

melhor, pra que você possa ser um docente que integre e não que separe em guetos. Ainda hoje em 2007, você tem estórias na PUC em que os alunos afro-descendentes estão sentados perto da janela, isso já era assim na minha época. Você reconhece os alunos afro-descendentes porque estão perto da janela. Um psicólogo saberia me dizer o porquê eles estão perto da janela? Vão pular, né, de tanta agressão que sofrem. Agressão simbólica, mas acho que o docente tem que estar atento a essas coisas. Então a análise do discente, das políticas de ação afirmativa, tem que perpassar também o corpo docente, porque se não passa no corpo docente a prática não muda, a prática educativa desses docentes não muda. Se a pratica educativa não mudar não adianta o afrodescendente estar inserido na universidade porque você vai ter práticas discriminatórias, conflitos que não são mediados são silenciados. Então, eu acho que essa discussão tem que perpassar pelo corpo docente da academia também.